



Quando Deus fala — devemos escutá-Lo

*Transcrição editada de uma alocução do Padre Paul Kramer,
B.Ph., S.T.B., M.Div., S.T.L. (Cand.)*

Quantas vezes, na sua vida, já foi abordado por um chamado missionário, que lhe quer explicar "Em que deve acreditar para ser salvo." Uma vez que isso me aconteceu, disse-lhe: "Então diga-me." E a jovem disse-me: "Tem que acreditar que Jesus Cristo é o seu Salvador pessoal, e então salvar-se-á."

A minha resposta foi: "Onde é que *isso* vem na Bíblia?" Não tive resposta. Se examinarmos com muito cuidado as Sagradas Escrituras, vemos que, em primeiro lugar, devemos ter fé. Estamos aqui, evidentemente, a falar na virtude teologal da Fé.

Em primeiro lugar, devemos acreditar em tudo o que Deus revelou, em tudo o que está contido nas Sagradas Escrituras e na sagrada Tradição, e no que foi apresentado pelo Magistério da Igreja, a missão docente infalível da Igreja, e proposto definitivamente como tendo sido revelado por Deus. Estas são as verdades da Fé e da moral. Em primeiro lugar, é nelas que devemos acreditar.

Sem fé, é impossível agradar a Deus, como diz S. Paulo: "Se rejeitarmos nem que seja um só artigo da Fé, não podemos salvar-nos." Ou como se lê na Profissão da Fé: "Quem quiser salvar-se deve manter a Fé Católica integral e inviolada."

Mas isso é tudo? Basta acreditar nisto e em mais nada? Podemos dizer: "Não aceito revelações privadas"?

Ouvi dizer isto muitas vezes. As pessoas dizem: "Creio no que está definido na Igreja, creio no que está no catecismo, mas, por favor, não me confunda com revelações privadas. Não temos que acreditar nelas para nos salvarmos. A Igreja ensina-nos aquilo em que devemos acreditar, que é o Depósito da Fé, que foi definido pelo Magistério infalível da Igreja."

Isto é uma meia-verdade muito enganadora, porque devemos fazer uma distinção. Aquilo em que acreditamos pela Fé Divina, pela virtude teologal da Fé, são as verdades divinas — o que Deus revelou.

O Papa Inocêncio III escutou-O

Todavia, quando o Papa Inocêncio III foi visitado por S. Francisco, à primeira vista não tinha muito boa impressão daquele jovem de Assis. Mas depois, quando teve um sonho em que a Igreja estava a desmoronar-se e aquele jovem de Assis estava a segurá-la, soube que isto era uma revelação de Deus.

E se o Papa Inocêncio III dissesse que era uma revelação privada, que podia ser rejeitada por não fazer parte do Depósito da Fé?

É uma questão de senso comum, e até mais do que senso comum, porque todos os que foram abençoados com o uso da razão compreendem os princípios mais básicos da moralidade, que são fazer o bem e evitar o mal. E o corolário deles é que devemos aceitar o que é verdadeiro; não apenas o que Deus revelou no Depósito da Fé, mas devemos aceitar tudo o que é verdadeiro.

Assim, se Deus falou, mesmo que não seja parte do Depósito da Fé, temos a obrigação de acreditar.

O Papa Inocêncio III compreendeu que tinha a obrigação de acreditar. Recebera uma graça especial, uma iluminação de Deus para compreender que autorizar a Ordem Franciscana era a vontade divina. A história da Igreja testemunha o facto de que a sua decisão de autorizar o jovem de Assis a estabelecer aquela Ordem foi essencial à sobrevivência da Igreja naqueles tempos.

A ideia de que somos livres de rejeitar uma revelação privada baseia-se numa meia-verdade. É um embuste. Aquilo em que cremos pela virtude teologal da Fé é o que Deus revelou e foi proposto pelo Magistério da Igreja. Estas são as verdades essenciais, em que devemos crer para nos salvarmos.

Tudo o que foi dado pelo Magistério da Igreja Católica como tendo sido revelado por Deus, as verdades da Fé, as verdades da moral, são aquilo que devemos aceitar absolutamente para a nossa salvação.

Mas para além disso, há a obrigação moral; não a obrigação da Fé Divina, mas a obrigação moral de aceitar o que é verdadeiro.

Esta questão não devia ser difícil de responder, mas algumas pessoas acham-na uma perplexidade. Santo Afonso de Ligório, o maior mestre de teologia moral, Doutor da Igreja, especificamente, em teologia moral, explica que se recebermos uma revelação profética de Deus, somos obrigados moralmente a acreditar e a obedecer ao que Deus revelou.

S. Patrício escutou-O

Vemos isto nas vidas dos santos. Um dos exemplos mais elucidativos é o de S. Patrício. Pelódio foi enviado pelo Papa para evangelizar a Irlanda. Foi expulso. Mas S. Patrício foi chamado, não pelo Papa, mas por Jesus Cristo, pessoalmente, e contra a vontade de grande parte da hierarquia. Seguiu o chamamento de Jesus Cristo, Que falou pessoalmente com ele e ordenou-lhe que fosse à Irlanda.

E assim, sem a autorização de Roma, mas pela ordem pessoal de Jesus Cristo, S. Patrício foi à Irlanda e fez o impossível — uma nação hostil e pagã recebeu o Evangelho. E ele andou de aldeia em aldeia, consagrou 350 Bispos sem aprovação papal, e ordenou 3.000 padres.

Num período de 30 anos, a Irlanda pagã ficou a ser a Irlanda católica, e isto aconteceu porque um homem acreditou e compreendeu que era obrigado pelo próprio Jesus Cristo a obedecer às palavras que recebera numa chamada revelação privada.

Santo Afonso de Ligório defende este princípio. Se Deus falou, devemos acreditar. Nossa Senhora de Fátima falou aos três pastorinhos, e a objecção modernista que frequentemente ouvimos é: "Nossa Senhora só falou àqueles três, portanto só aqueles três precisam de acreditar. Mais ninguém tem de acreditar."

Estes descuidam um enorme problema. Quando Nossa Senhora revelou as três partes do Segredo de Fátima em 13 de Julho de 1917, Lúcia, a mais velha dos videntes, não sabia nada de teologia, mas compreendia, com o senso comum básico, que é a compreensão dos primeiros princípios da sabedoria e dos primeiros princípios da moral.

Um milagre, para que acreditemos

Lúcia compreendeu que talvez as pessoas não estivessem dispostas a acreditar que a Mãe de Deus tinha revelado assuntos tão importantes. E pediu um milagre, para que as pessoas acreditassem. Devemos ter presente esta frase — *para que acreditassem*.

Nossa Senhora de Fátima disse que faria um grande milagre em 13 de Outubro *para que todos acreditassem*. Se Deus realiza um milagre para convencer as pessoas que o Céu falou — já Santo Afonso de Ligório explicou que, desde que compreendamos que o Céu falou, recebemos do Céu uma revelação divina — a partir do momento em que compreendemos que é verdade e que Deus falou, *temos a obrigação de acreditar*. Não com a fé divina, porque não é matéria de dogma, mas com a obrigação moral de acreditar que Deus falou.

O que teria acontecido se S. Patrício dissesse simplesmente: "Não vejo nas Escrituras ou na tradição que eu, pessoalmente, tenha a obrigação de obedecer à voz que ouvi"?

Ora bem, foi o nosso Salvador Divino, Jesus Cristo, Quem Ihe falou. Estaremos nós livres de O rejeitar, quando Ele fala directamente e quando Ele faz milagres, só porque não é coisa que foi revelada antes da morte do último Apóstolo?

Aqui fazemos uma distinção. Em que devemos acreditar, em matéria de Fé, pela virtude da Fé? E também, em que devemos acreditar, geralmente falando? O princípio universal da lei ordenada é que devemos aceitar o que é verdadeiro.

Deus é o Autor da verdade. Para aplicarmos os princípios revelados que se encontram no Depósito da Fé, em todos os Artigos da Fé, devemos pô-los em prática. Muitas vezes precisamos de ajuda divina para realizarmos, em circunstâncias particulares, os ditames da lei divina que nos são revelados em geral e precisam de ser aplicados em particular, para que a governação do mundo por Deus se faça através dos instrumentos humanos por Ele escolhidos.

E esta é a razão para haver profecias. Se não houvesse a obrigação de crer nas profecias, se não houvesse a obrigação de crer em quaisquer revelações feitas pelo Céu depois da morte do último Apóstolo, se não houvesse tal necessidade, então Deus não as faria.

Deus não actua superfluamente. Se Deus fala, tem uma razão para falar. Ele é Todo-Poderoso, é Omnisciente. Quando Ele fala, nós, simples criaturas, temos a obrigação de ouvir e obedecer.

Este é o princípio moral. Tal como o profeta Samuel, devemos dizer: "Falai, Senhor, o Vosso servo escuta."

A obrigação de obedecer à Mensagem de Fátima é a obrigação moral decorrente do facto de o Céu ter falado. Deus enviou a Sua Santíssima Mãe com uma Mensagem — a sobrevivência da humanidade e a salvação de uma multidão de almas — para que os pecadores se convertam e as almas se salvem.

A Mensagem foi-nos dada para a salvação das almas

Se considerarmos apenas isto — está em causa a salvação das almas, resgatadas pelo Sangue de Jesus Cristo, as almas que Ele ama com o Seu amor infinito.

Para obter a salvação das almas, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria. É através da Mensagem de Fátima, é através da devoção dos Cinco Primeiros Sábados, é através do acto de Consagração ao Imaculado Coração de Maria que a Rússia se salvará, que o mundo se salvará, que um número incalculável de almas se salvará — obedecendo ao que Deus ordenou.

O Milagre do Sol realizou-se para que acreditássemos, como Nossa Senhora disse.

Se Deus realiza o milagre para que todos nós acreditemos, temos a obrigação de acreditar. E tendo a obrigação de acreditar, temos a obrigação de obedecer e de pôr em prática, e de não desistir, e de perseverar até que o que Deus ordenou através da Sua Santíssima Mãe se cumpra